

“MOSHPIT. Performance da dança do Rock and Roll”

(For the original article go to <http://www.calstatela.edu/al/karpa/lucas-monteiro#>)

Lucas Monteiro [*]
Universidade Federal de Goiás (UFG)



Público de um concerto juntamente com a banda no palco. Foto: Lucas Monteiro. 23 de Março de 2016, às 19:34.

[*] **Lucas Monteiro**, graduado em educação física pela Universidade Estadual de Goiás, estudante de mestrado no programa interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás.

Resumo: Este trabalho aborda sobre o Moshpit, a dança do Rock And Roll. O objetivo deste é elucidar sobre os movimentos característicos e o funcionamento do Moshpit, Moshpit é como é nomidado o conjunto de movimentos corporais executados pela plateia durante os concertos de Rock And Roll. Estes movimentos coletivos caracterizam os aspectos fundamentais desta dança, movimentos que vão de um simples balançar de cabeça ao seu movimento mais característico, a Roda. Foi possível concluir que os movimentos corporais enérgicos seguem o ritmo da música e a agressividade presente na dança não tem intenção hostil e é muito importante nesta dança. Além disso, a dança apresenta relações diretas com a vida diária dos fãs de Rock and Roll.

Palavras-Chave: Performances Culturais / Dança / Moshpit / Rock And Roll.

BLITZKRIEG BOP!([1])

No mundo acadêmico é comum encontrar trabalhos escritos que abordem a temática da dança em seus mais variados tipos, coco de zambê, samba de roda, cana verde, sussa, chula, a dança dos congos e tantos outros ritmos de dança. Porém este trabalho abordará uma dança pouco abordada no meio acadêmico, principalmente no Brasil, uma dança que por vezes é marginalizada e ignorada.

Este trabalho trata do Moshpit, a dança do Rock And Roll. É denominado de Moshpit o conjunto de movimentos corporais executados pela plateia durante os concertos de Rock And Roll, estes movimentos caracterizam os aspectos fundamentais desta dança, movimentos que vão de um simples balançar de cabeça (*Headbang*[2]) ao seu movimento mais característico, a Roda (*Circle Pit*).

O Rock And Roll é um estilo musical bastante físico, músicos e fãs se mexem de modo frenético com as sensações causadas pela música, e por vezes foge apenas do campo do entretenimento e toma grandes proporções, e apresenta isso em sua gênese. Johnny Cash, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Little Richard e seus contemporâneos deram início a um movimento revolucionário, questionador e esquivo, que abordava os mais diferentes temas em suas letras, desde a curtição jovem (*Rock around the clock*) até a prática de crimes (*Folson Prision blues*), com ritmos diferentes, novos modos de tocar e de se praticar a música. O Rock And Roll foi apresentado ao mundo. Entrou no cenário musical por fora, pela porta dos fundos, com o pé na porta!

Desde seu início os movimentos corporais executados pela plateia eram enérgicos, eram uma resposta física ao estímulo metafísico da música, mulheres e homens suavam e gritavam juntos durante os shows, pulavam e se contorciam. Ao longo dos anos este estilo musical foi se modificando e dando origem a diferentes subgêneros do mesmo. Bandas como Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple foram precursoras do que hoje se chama Heavy Metal, com um jeito mais *pesado* de se fazer música. O Rock And Roll se renovou a partir disso. A liberdade criativa e a licença poética se fizeram valer nesse gênero musical e em seus subgêneros.

A partir daí, desse movimento musical de renovação, vieram outros subgêneros, como o Hard Rock, Rock Psicodélico, Grunge, Gothic Metal, Black Metal, Death Metal, Trash Metal, o Punk Rock e o Hardcore, e tantos outros subgêneros existentes. Estes três últimos foram os subgêneros responsáveis por colocar o Moshpit em evidência, devido a agressividade das canções e a ideologia violenta das letras. Nos primeiros shows de Punk Rock era comum o público executar o *slamdancing*, um tipo de dança que consistia em executar contatos corporais com os ombros, braços e antebraços, literalmente empurrar uns aos outros. Também era parte disso girar freneticamente os braços e pernas, movimento chamado de *moinho de vento*. Esses movimentos foram incorporados pelo movimento hardcore e também pelo público do Metal (Riches 28).

A movimentação agressiva e esquiza dos corpos vinha ao encontro, e de encontro, não só a ideologia destes movimentos musicais, mas também das letras, do modo de tocar

os instrumentos e também do estilo de vida que tinham os músicos, fãs e todas as pessoas que estavam envolvidas nos concertos e no mundo Rock And Roll. Este fato, como assinala Nanni, ajuda na compreensão deste fenômeno musical, a partir da necessidade de integração entre seus membros e de percepção cultural deste fenômeno:

A necessidade de expressão corporal é universal, entretanto, manifesta-se de acordo com cada cultura, como uma necessidade de integração grupal dessa sociedade. A dança, como fenômeno de grupo, desenvolveu-se como dança de conjunto entre todos os povos. Nessa perspectiva, sua importância é reconhecida sob a ótica de promoção da saúde, como opção de lazer, de manutenção da autonomia física para uma qualidade de vida melhor, enfim, firma-se como possibilidade de relações interpessoais e socialização. (Nanni 47).

Destarte o modo de se movimentar durante os concertos de Rock and Roll acompanhou o pensamento do movimento artístico, refletido pelas letras das canções, os modos de pensamento e subjetivações dos sujeitos envolvidos. Essa expressão corporal e o movimento artístico permitiram que os sujeitos envolvidos criassem novas identidades e modos de se expressar. Ainda hoje percebe-se isso, a liberdade de movimentos e a possibilidade de criação de novas identidades.

O Rock And Roll foi apresentado ao mundo ao final dos anos 1940, entrou no cenário musical por fora, pela porta dos fundos, profundamente mergulhado na cultura negra e *country* norte-americanas, amalgamado nos subúrbios operários da Grande Bretanha e com o pé na porta!. O modo de tocar foi ficando mais agressivo, rápido, e as respostas corporais aos estímulos sonoros também se renovaram, foram ficando mais agressivas, acompanhando a música. A música era representação da visão de mundo que os músicos tinham em suas épocas (Gallo 754). Estes gêneros musicais tiveram origem Europeia e Norte Americana, porém se espalharam no mundo todo, em alguns lugares de forma mais tardia que os outros, mas com impacto considerável (Oliveira 130).

DO YOU WANNA DANCE?

Moshpit. Para se abordar o Moshpit é necessário explicitar a etiqueta, as regras incorporadas necessárias para a execução segura desta dança. Mesmo que seja caótico, violento e por vezes extremamente agressivo, a maioria dos fãs tentam assegurar que a dança seja executada de forma segura e positiva, para que a dor, violência e as escoriações não sobrepujem o caráter de expressividade e os benefícios da prática, e desta forma tentam preservar a etiqueta do Moshpit. Este é um conhecimento incorporado, não está escrito, não há a “cartilha do Moshpit”, quase não se fala sobre, é uma prática ritualizada e cooperativa que se apreende com convivência e com a prática (Riches 53).

Este conhecimento incorporado reforça o caráter popular e marginal do Moshpit, que se faz a partir de seu bando, do seu público. A etiqueta, o caráter ético-estético aqui presente, ressalta valores de respeito, amizade, companheirismo e fraternidade. Ainda que se cause dor e seja violento é necessário organização para isso. As letras e por vezes as

influências filosóficas do Rock and Roll salientam a liberdade, o amor, influenciados pelas mais diversas fontes. Sendo assim, esses pressupostos positivos foram incorporados também na prática do Moshpit.

Algumas dessas regras são facilmente perceptivas, outras não. Pode ocorrer de fãs mais experientes auxiliarem de forma verbal ou mesmo gesticulativa, e advertir os inexperientes para que não ocorram acidentes. Se alguém cai no chão, os fãs que estão mais próximos param os movimentos para imediatamente reerguer e garantir que esta pessoa não se machuque. Isso ocorre nos mais diversos movimentos do Moshpit, é uma característica fraterna onde um fã cuida do outro. Removem-se joias e adereços que podem causar arranhões e sangramentos, como correntes, pulseiras com *spikes* e outros. Socos e chutes direcionados e com clara intenção hostil, também são consideradas negativas. Outra regra importante, quando as mulheres estão presentes, não é permitido qualquer atitude com conotação sexual, como apalpar nádegas e seios, ou mesmo aproveitar da situação de tumulto para promover um contato invasivo. Qualquer fã que seja pego fazendo isso, é imediatamente repreendido e pode ser retirado do local (Riches 53).

Essas regras, e este conhecimento incorporado, podem variar de um local do mundo para o outro, ou mesmo dentro do mesmo país, e inclusive entre diferentes cenas musicais (Punk, Metal, Black Metal), mas geralmente preservam-se essas regras para permitir que a prática seja positiva e segura. Essas características auxiliam na conservação do caráter positivo. Desta forma, possibilitam a expressividade corporal, e o compartilhamento de sentimentos através dos movimentos corporais. Acidentes podem acontecer, principalmente em plateias lotadas e em locais que diferentes ritmos musicais se misturam, mas os fãs tentam ao máximo se resguardar.

LET'S DANCE!

Para a execução do Moshpit é necessário um contexto específico, com banda, público e o espaço adequado para tal. A dança se inicia quando a banda começa a tocar, e tem intervalos quando a banda para entre uma música e outra. A dança acompanha sempre o ritmo da música, quanto mais pesada e agressiva a música, mais agressivos também são os movimentos executados pelo público. Isso também é característica de acordo com o subgênero de Rock And Roll, quanto mais pesado o subgênero, mais intensos e agressivos são os movimentos (Monteiro 45).

Para explicitar melhor essa situação vale utilizar o seguinte exemplo, o rock de Pink Floyd, The Doors, The Jimi Hendrix Experience, é musicalmente mais *leve*, que o Punk Rock de Ramones, Bad Religion e The Clash. Musicalmente apresentam algumas diferenças, apesar de todos serem Rock And Roll. Sendo assim os movimentos corporais dos fãs acompanham o ritmo da música, o corpo tende então a se movimentar de forma mais branda no primeiro caso e mais agressivo no segundo. Outros exemplos são o Hardcore e o Metal, que utilizam muitos efeitos de distorção, bateria com pedal duplo, e muita velocidade nas canções, se faz mais *pesado*, e desta forma os movimentos corporais

acompanham o *peso*.

Ainda que haja uma diferença entre uma cena musical e outra, entre um subgênero e outro, os movimentos que serão explicitados aqui são comuns aos eventos de Rock And Roll, são característicos desses espaços e ambientes, isso auxilia na compreensão da ética-estética incorporada, do modo de dançar. Mesmo os movimentos sendo executados com maior ou menor intensidade, são marcantes do Rock And Roll e de seus subgêneros. Os significados que são possíveis de traduzir através da dança vão além da própria dança, a função afetiva da dança fornece uma experiência sensível que potencialmente vai além das perspectivas pessoais (Riches 26). O corpo se movimenta em relação à música e às subjetivações pessoais do *Mosher*, colocando sentimento em cada músculo que vibra durante o concerto.

Os movimentos característicos desta dança, além do *slamdancing*, abordado anteriormente, são: O *Headbang* consiste em balançar a cabeça e o corpo no sentido anteroposterior no plano sagital, bastante conhecido como “bater cabeça”. Este movimento é comum de ser executados por diferentes públicos de rock, dos mais *leves* aos mais *pesados*. É um movimento comum e auxilia a dar a cara do Moshpit, os fãs de metal (e também Rock And Roll em geral) geralmente são conhecidos por *headbangers* justamente por essa movimentação frenética. O moinho de vento, como dito anteriormente, consiste em girar freneticamente os braços e pernas, muito executado pelos Punks. É comum acertar outras pessoas no rosto, genitálias, costelas e outras partes sensíveis do corpo durante este movimento, ainda que de forma não intencional. Mas nada disso faz a festa parar.



Figura 1 - Público executando o Headbang. Fonte: Metal injection. <http://www.metalinjection.net/around-the-interwebs/headbanging-can-make-your-brain-bleed-according-to-a-new-study> Acesso em 09/02/17.

O *Stage Diving*[3] é o ato de saltar do palco ou de lugares com grande altitude. Várias casas de shows e eventos permitem que o público suba ao palco para executar este movimento, é característico do Moshpit e bastante conhecido e executado pelos fãs, é comum os músicos executarem também (Monteiro 15). Esse movimento auxilia na

compreensão do conhecimento incorporado dos fãs em relação à prática, que permite entender melhor sobre a etiqueta, os padrões ético-estéticos utilizados no Moshpit. Quando alguém se posiciona para executar, rapidamente as pessoas que estão próximas se posicionam para amortecer a queda e permitir uma prática segura.



Figura 2 - Pessoa realizando o Stage Diving. Fonte: Alt press.

http://www.altpress.com/news/entry/should_stage_diving_be_banned_musicians_respond Acesso em 30/10/15.

Os fãs que estão na plateia, geralmente são solidários para a recepção de quem salta, acidentes podem acontecer, como fraturas e luxações, que já foram relatadas em eventos deste tipo, porém o respeito e a confiança que um fã tem com o outro é perceptível, já que é necessário coragem para executar e a prática em si oferece algum risco. Mesmo assim, esse é um dos movimentos mais executados nos shows de Rock, o calor do momento e a adrenalina nos corpos é o combustível que alimenta. Neste momento o limite entre público e músicos tende a diminuir, o palco, por vezes, fica cheio de pessoas, os corpos se misturam. O palco funciona como uma cascata de corpos, que os faz jorrar, em um constante sobe-salta-desce.

O *Crowd Surfing*[4] é o ato de se levantar uma pessoa e ir a conduzindo com as mãos ao longo do espaço reservado aos fãs. É comum este movimento ser executado em sequência ao *Stage Diving*, devido um movimento ser esteticamente semelhante ao outro e permitir que este aconteça de forma fácil, mas basta que se peça auxílio na plateia para que alguém o levante e esse movimento aconteça, os fãs próximos erguem a pessoa e dão início ao movimento (Monteiro 15). É interessante ressaltar que independente de massa corpórea, idade ou gênero os fãs são solidários e fraternos uns com os outros durante a execução e auxiliam os que têm mais dificuldade nesses dois movimentos.



Figura 3 - Fã realizando o Crowd Surfing no evento Goiânia Rock City. Foto: Lucas Monteiro em 23/03/16 às 22:22.

Para subir ou descer basta sinalizar com as mãos, ou gesticular de alguma forma, ao perceber, imediatamente os fãs sobem ou descem a pessoa conforme o desejo. Vale ressaltar que a etiqueta do Moshpit exige respeito, sendo assim, são rechaçados gestos com conotação sexual, e são repreendidos veementemente quando alguém tenta, ou intencionalmente agarra partes íntimas, tanto em homens quanto em mulheres. O respeito é fundamental para que se esteja no bando. Quando alguém rompe com essa ética-estética é repreendido, e até hostilizado, retirado do local, e por vezes pode ser passível de agressão física por fãs mais exaltados.

O *Circle Pit*^[5], conhecido no Brasil como Roda (Roda de pogo, ou Roda de Hardcore), é o movimento mais importante e característico do Moshpit. Executa-se os contatos corporais característicos do *Slamdancing*, em um espaço circular aberto pela própria plateia. As pessoas se movimentam na roda girando em um mesmo sentido, e executando os contatos corporais no ritmo da música. A velocidade vai de acordo com o movimento do bando todo e o espaço é delimitado pelas pessoas que ficam às margens, que também participam empurrando as pessoas que passam perto. As periferias da roda são um local seguro para descansar e iniciar o movimento mais uma vez, enquanto o perímetro mais próximo ao centro gira rápido e é constante, com cadência que vai de acordo com a música (Monteiro 17).



Figura 4 - Público executando o circle pit (roda). Fonte: Nine circles. <https://ninecircles.co/category/columns/circle-pit/>
Acesso em 30/10/15.

É um banquete de signos, socos, chutes, cotoveladas e os mais diversos tipos de contatos corporais são executados conforme o corpo do moshers permitir e aguentar, desde que esses movimentos não rompam com a etiqueta do Moshpit. O momento da roda é muito importante para a livre expressão corporal e a proximidade com outros fãs, pois o contato corporal é constante, se compartilha a dor, alegria, sangue e muito suor.

O *Wall of death*[6], é um espetáculo estético desta dança, o público se divide em dois grupos distintos, quando a banda inicia a canção, os dois grupos se confrontam ao centro e formam novamente um público homogêneo, é comum executar a Roda após esse movimento (Monteiro 18). Para a execução deste movimento, geralmente, os músicos no palco dão os comandos, para a plateia separar em dois lados, quando o espaço no centro fica vazio inicia-se a contagem, ao fim dela executa-se o confronto. É comumente executado em grandes eventos, pois para este movimento ser bem feito é necessário um grande número de pessoas.



Figura 5 - Público executando o Wall of death durante o festival Wacken Open Air, considerado o maior evento de metal do mundo. Fonte: Outspoken.

Os movimentos executados são bastante agressivos e enérgicos, é comum que fãs saiam com escoriações, dentes quebrados, olhos roxos e vários arranhões, porém faz parte da ética-estética da dança. A agressividade presente não representa hostilidade, os fãs não tem intenção de machucar uns aos outros, mas compartilhar sentimentos de forma física, estas são as formas que os fãs de Rock And Roll encontram para fazer isto. É ditado entre o público que frequenta estes shows dizerem: “*Quanto mais hematomas você tiver, melhor foi o show!*” (Monteiro 18).

LISTEN TO MY HEART

Agressividade e violência são características fundamentais desta dança, sem estas não se dança o Moshpit, isso a diferencia das outras danças, porém não é uma agressividade desenfreada, ou uma violência exacerbada. Estas são resultados das frustrações diárias canalizadas nos movimentos, é resultados das relações vividas no dia a dia pelas pessoas que participam desta performance (Riches 51). Os Moshers, fãs que dançam o Moshpit, levam o Rock não apenas como um estilo musical, mas também como estilo de vida, é comum as letras abordarem temas políticos, sociais e também existenciais. Além de canalizar a raiva da vida diária, o Moshers se sente pertencentes ao bando e se reconhecem em seus iguais. As diferenças sociais são minimizadas, referentes a classes sociais, gênero, estética pessoal, ideologia política. Na roda, no vórtice frenético de movimentos existem apenas pessoas que querem se movimentar.

O Moshpit permite a criação de uma nova realidade, um tempo paralelo ao tempo presente, os fãs se perdem e se encontram no êxtase dionisíaco, se perdem em devires. Cria-se um devir-animal, que urra, grita, sua, salta, dá socos e chutes. Se movimenta fazendo valer sua necessidade humana do movimento. Perde-se em um devir-máquina, se acopla nos seus pares, o corpo se torna uma engrenagem que faz parte de uma máquina muito maior, que executa um movimento homocinético com vários outros corpos que compartilham de emoções e frustrações semelhantes, vai além do que estas simples palavras podem descrever, para isso vale trazer o conceito de Nietzsche: O êxtase do estado dionisíaco, com sua aniquilação das usuais barreiras e limites da existência, contém, enquanto dura, um elemento letárgico no qual imerge toda vivência pessoal do passado. Assim se separam um do outro, através desse abismo do esquecimento, o mundo da realidade cotidiana e o da dionisíaca (Nietzsche 55).

O momento da dança é mais do que de libertação física, é também uma libertação das barreiras diárias, que por vezes limitam os prazeres, as alegrias e o desenvolvimento humano. No Moshpit executa-se mais do que movimentos, socos e chutes, executa-se a liberdade a plenos pulmões. É agressivo, violento, é vivo. É uma dança que subverte as concepções tradicionais de dança, assim como o Rock And Roll é subversivo, sua dança também se faz subversiva, uma dança da diferença. Este conjunto de movimentos representa bem mais do que os olhos podem ver e descrever, diversas sensações e

agenciamentos não se explicam com palavras, o movimento está aí por isso, a dança, os movimentos corporais existem porque as palavras são poucas, ou como diria o poeta Ferreira Goulart “*A arte existe porque a vida não basta*”. (*Porque a vida não basta*).

Criam-se novas identidades, novos modos de pensamentos e modos de viver. Para que se entenda melhor estes conceitos, se faz necessário não apenas ler o que foi escrito aqui e também em pesquisas passadas e futuras, faz-se necessário viver, ir a um concerto de Rock And Roll, ouvir o Punk Rock, e estar aberto aos novos agenciamentos e subjetivações. Pode parecer apenas uma dança a olhos desatentos, um bando de loucos que se batem, pode parecer música dissonante e sem harmonia, mas é a visão de mundo dos fãs, é o mundo de muitas pessoas. Como dizem os *Rolling Stones* “*é apenas Rock And Roll, mas eu gosto*” (*It's Only Rock 'n' Roll (But I Like It)* letra de música do album *It's Only Rock 'n Roll*, de 1974).

Este público se respeita, se cuida e se identifica, uma vez que procuram retirar adereços que podem causar perfurações, rechaçam práticas abusivas como e qualquer tipo de movimento com conotação sexual em relação às mulheres. O público preserva a etiqueta do Moshpit para que ocorra uma prática saudável, qualquer indivíduo que rompa com essa etiqueta é imediatamente retirado do espaço (Monteiro 19). A agressividade faz parte da dança, a agressividade de um fã se conecta na de outro, que se conecta na música, fazendo assim então uma série de agenciamentos, emissão de signos e compartilhamento de emoções.



Figura 6 - Público de um concerto juntamente com a banda no palco. Foto: Lucas Monteiro. 23/03/16 às 19:34.

A REAL COOL TIME

A performance, segundo Langdon (08), é um evento situado em um contexto particular, que é construído por seus participantes, e cada um tem um modo de atuação, um modo de falar, se portar, e de agir. A performance carrega consigo a possibilidade de comunicação, e se distingue de outras facetas comunicativas através de sua função expressiva, ou função poética, que ressalta o modo de expressar a mensagem. Essas características são encontradas no Moshpit, a comunicação presente durante este ato. O

corpo de quem dança abre-se para o mundo, em uma realidade paralela, de modo que a dor, a violência, e o modo de se portar durante a execução das canções, são modos de expressar os sentimentos e sensações mais íntimos.

As performances culturais são mais do que projeções, são agentes de percepção da mudança e da estrutura, promovendo momentos de ligação, comentários e críticas, que colocam em questão as normas e valores culturais presentes (Camargo 24). O Rock And Roll possibilita isso através da ética-estética musical e lírica, que questiona e incomoda os padrões do *mainstream*, e o Moshpit é uma potência disso. O funcionamento caótico é uma forma de questionar a estética das danças convencionais, de questionar as relações de dor, de questionar a liberdade do corpo e a liberdade de comunicação e movimentação. É uma violência simbólica, uma resposta aos aspectos violentos da sociedade em geral, é um modo de expressão do roqueiro, uma libertação do corpo das amarras da vida diária.

É um constante processo de rejeição e reposição (Schechner 157), rejeita-se, momentaneamente, a norma social comum à violência, pois no Moshpit se pode confrontar outros corpos. Rejeita-se o padrão estético da dança, não é mais “dois pra lá dois pra cá”, é o bando que gira, corpo que salta, é movimento e ação. Rejeita-se o que é imposto no dia a dia, rejeita-se as falas machistas como: “menina não pode se portar assim”, rejeita-se os dizeres puritanos sobre o que se deve fazer com o corpo, e como fazer. E repõem-se com um modo único de apresentar e comunicar com o mundo. É um momento diferente do normal.

Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se (Dawsey 166).

A força que une as pessoas no Moshpit é a música, o movimento e as relações fraternas de pertencimento do bando, em um momento que estão todos juntos! Em um mesmo ritmo, vibrando em uma mesma frequência. As categorias sociais que separam as pessoas na sociedade são minimizadas. No Moshpit não tem área VIP ou camarote, não se percebe a segregação por gênero, classe social ou outros fatores que por ventura separem os seres humanos. As performances culturais possibilitam a formação de uma comunidade de perdição, em que as pessoas se perdem em um devir-animal, respiram juntos, criam monstros e liberam demônios (Petronilio 143).

Os fãs se enxergam, compartilham os fluxos de suor, se reconhecem e se estranham uns nos outros. No Rock And Roll os estranhos estão juntos, os esquizos dançam juntos. Esse povo está aqui. Essa matilha urbana é que serve em restaurantes, que faz cirurgias, que recolhe o lixo, que ensina em escolas e universidades. São os esquizos que por vezes o

restante da sociedade finge não ver, em seus diversos âmbitos. É um bando de loucos, mas afinal, *é melhor não ser o normal, se eu posso pensar que deus sou eu*[7].

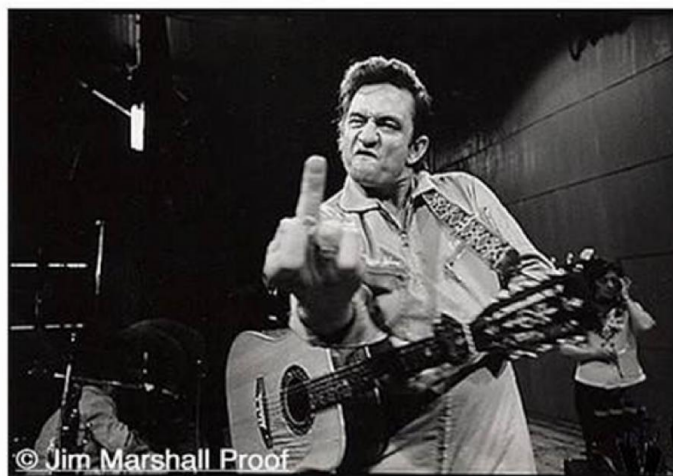


Figura 7 - Jhonny Cash, ícone do rock and roll, durante a apresentação na Penitenciária de San Quentin.
Foto: Jim Marshall. Fonte: Google images. https://www.google.com.br/search?q=Johnny+Cash&client=firefox-b&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKewibxd-IocXVAhWEEZAKHS7HCxcQ_AUICygC&biw=1366&bih=659#imgdii=wZWVSQ2eZAg8SM:&imgcr=IL3vCa5vGKfMfM: Acesso em: 09/02/17.

SOMETHING TO BELIEVE IN

Foram apresentadas aqui, características importantes para o funcionamento e execução do Moshpit, suas relações com a música, a sociedade e a cultura Rock And Roll. Este trabalho não busca encerrar o diálogo acerca desta performance, definir ou rotular o que deve ou não ser o Moshpit, pelo contrário, busca abrir e potencializar novos encontros, para que novos encontros e subjetivações sejam possíveis a partir deste estudo. Não é o primeiro e não será o último. O estudo através da ótica das performances culturais, da filosofia, da música, da dança e tantos outros possíveis, podem ampliar ainda mais o horizonte deste fenômeno do Rock And Roll e do Moshpit, sempre possibilitando liberdade e abertura (de mente, ideias e conceitos).

As características encontradas aqui são possíveis de serem percebidas nos mais diversos concertos de Rock, com suas mais diversas cenas e subgêneros. É possível que haja algumas diferenças com a mudança de região, de estilo e de intensidade, mas grosso modo, as características aqui descritas se mantêm, principalmente no que diz respeito à etiqueta do Moshpit, à suas características éticas e estéticas. É uma fraternidade que é possível de se perceber e encontrar nos concertos de Rock, os *headbangers* se identificam e respeitam, é uma etiqueta presente nesse processo ético-estético da música pesada.

Para o compreender desse bando, desse mundo, é importante maior investigação acadêmica, e além disso, se vestir de preto e violentar os ouvidos com a música barulhenta e pesada, ser um *cowboy fora da lei* e andar do lado escuro. Encontra-se mais do que

música, suor e Anarquia, no Rock And Roll encontra-se liberdade de expressão, de amplas formas, através do movimento, através da música, da estética e do modo como se maquiar e se vestir, é uma característica que foi buscada desde os primórdios. Questiona-se gênero, relações sociais, o motivo e causa das coisas, afinal, *nós viemos pra incomodar o mundo, unidos nada vai nos separar, e você se reconhece em nós!*[8]

Isso tudo vai além de ser apenas uma dança, um estilo musical. É também um estilo de vida. Um modo de se portar. É a forma de lidar com os sentimentos que se carrega na intimidade, é uma forma de comunicação íntima. É uma violação e questionamento à política, aos costumes, às regras, é um modo de se defrontar com a realidade. É a atitude Rock And Roll em lírica e movimento. O Moshpit é a possibilidade de criação de personagens, de liberdade, é o lugar de criação de novas identidades e reconhecimento nos iguais. É o lugar de se fazer as pequenas revoluções diárias e se mexer, de forma física e também cognitiva, afinal o *Rock and roll não merece este nome se não te fizer se mexer*[9].

REFERÊNCIAS

- Camargo, Robson C. “Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise”. *KARPA* 6, 2013: n. pag.
<http://www.calstatela.edu/misc/karpa/Karpa6.1/Site%20Folder/robson1.html>
- Goulart, Ferreira. *Porque a vida não basta. Folha de São Paulo*, 22.09.2013.
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2013/09/1344990-porque-a-vida-nao-basta.shtml>, acesso em 19 de julho 2017.
- Gallo, Ivone Cecilia D’Avila. “Punk: Cultura e arte”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40, jul/dez 2008, p.p. 747-770.
- Langdon, Esther Jean. “Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. Trabalho apresentado na Mesa Redonda”: *Performance, Drama e Ritual – A Formação de um Campo e a Experiência Contemporânea*, 31o Encontro Anual de ANPOCS, Caxambu, 2007.
- Monteiro, Lucas. *Performance Cultural Do Moshpit Na Cidade De Goiânia: A Dança Do Rock And Roll*. Trabalho final de curso apresentado na forma de monografia submetida ao curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás (UnU ESEFFEGO). Goiânia. 2016.
- Nanni, Dionísia. “O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da autoestima do educando”. *Fitness & performance journal*, v.4 n.1, 2005, p.p. 45 – 57.
- Nietzche, Federico W. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*; tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- Oliveira, Roberto Camargo de. “Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil”. *Temporalidades: Revista Discente do Programa do Programa de Pós-graduação em História da UFMG*, vol. 3 n. 1, Janeiro/Julho de 2011, p.p. 127-140.
- Petronilio, Paulo. “O signo como performance e performatividade da linguagem”. *Artefactum- Revista de Linguagem e Tecnologia*. Ano 7, nº2, 2015.
<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/782>
- Riches, Gabrielle. “*Caught in a Mosh*”: *Moshpit culture, Extreme metal music and the*

reconceptualization of leisure. Tese de mestrado submetida à Faculdade de Educação Física e recreação de Alberta, Canadá. 2012. University of Alberta.
Schechner, Richard. “Performers E Espectadores Transportados E Transformados”.
Tradução: Selma Treviño. *Moringa*. João Pessoa, Vol. 2, n. 1, jan./jun. de 2011, p.p. 155-185.

NOTAS:

- [1] Todos os subtítulos são nomes de canções da banda de Punk Rock Ramones, sugere-se a audição delas para melhor imersão acerca do objeto de estudo desse trabalho
- [2] Batida de cabeça em tradução literal da língua inglesa.
- [3] Salto do palco ou mergulho do palco em tradução literal da língua inglesa.
- [4] Surfe na plateia em tradução literal da língua inglesa.
- [5] Cova circular ou fosso circular em tradução literal da língua inglesa.
- [6] Parede da morte, em tradução literal da língua inglesa.
- [7] Trecho de Balada do louco da banda Mutantes.
- [8] Trecho de Pra Incomodar da banda *Blind Pigs*.
- [9] Trecho de *Overkill* da banda *Motörhead*.